

REVISTA DIALOGO E INTERAÇÃO

ISSN 1275-3687

18

NÚMERO
02



FACCREI

**AS MEMÓRIAS E VOZES QUE ECOAM NO SILÊNCIO, NA OBRA TORTO
ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR**

**THE MEMORIES AND VOICES THAT ECHO IN SILENCE, IN THE WORK TORTO
ARADO, BY ITAMAR VIEIRA JUNIOR**

Victória Nantes Marinho Adorno *

RESUMO: O livro *Torto Arado*, do escritor Itamar Vieira Junior, retrata o modo como as famílias afro-brasileiras eram tratadas mesmo após a abolição, sofrendo com as consequências e feridas que permeiam por décadas. As protagonistas Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira narram o processo de subalternidade racial. E os episódios narrados manifestam posturas ativas diante das tradicionais estruturas de submissão e exploração, a partir de suas histórias e do grupo ao qual pertencem. O romance salienta a manutenção da tradição religiosa e da identidade cultural de um grupo oprimido. A crítica de Spivak, elabora a noção de subalternidade como uma construção de um duplo silenciamento, originado tanto pela ideologia imperialista quanto pelo patriarcado. O sujeito subalterno é excluído socialmente do povoado no qual foi inserido. Walter Benjamin, por sua vez, argumenta que a narrativa é construída a partir da vida do sujeito que narra, deixando vestígios que representam suas experiências, seus sentidos e seus significados sobre os fatos e as ações, bem como das memórias relatadas na obra. Segundo Chartier é através desse conflito entre memória e identidade que melhor podemos representar o mundo e consequentemente um sujeito. Considerando esses aspectos, este artigo analisa os relatos traumáticos da opressão, silenciamento e amor à terra. Portanto, de cunho bibliográfico, a pesquisa possui como aporte teórico os estudos de Regina Dalcastagné (2008), Erich Auerbach (2002), Domício Proença (2004), Theodor Adorno (2003) Gayatri Spivak (2010), Roger Chartier (1991), Walter Benjamin (1994) dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias; Silenciamento; Submissão, Representação; Narradoras.

ABSTRACT: The *Crooked Plow: A Novel*, by writer Itamar Vieira Junior, portrays the way Afro-Brazilian families were treated even after abolition, suffering from the consequences and wounds that permeated for decades. The protagonists Bibiana, Belonísia and Santa Rita Pescadeira narrate the process of racial subalternity. And the episodes narrated manifest active attitudes towards traditional structures of submission and exploitation, based on their stories and the group to which they belong.

*Mestra em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: nantes29victoria@gmail.com.

The novel highlights the maintenance of the religious tradition and cultural identity of an oppressed group. Spivak's critique elaborates the notion of subalternity as a construction of a double silencing, originated both by imperialist ideology and by patriarchy. The subaltern subject is socially excluded from the village in which he was inserted. Walter Benjamin, in turn, argues that the narrative is constructed from the life of the subject who narrates, leaving traces that represent his experiences, his senses and his meanings about the facts and actions, as well as the memories reported in the work. According to Chartier, it is through this conflict between memory and identity that we can best represent the world and consequently a subject. Considering these aspects, this article analyzes the traumatic reports of oppression, silencing and love for the land. Therefore, of a bibliographic nature, the research has as its theoretical contribution the studies of Regina Dalcastagné (2008), Erick Auerbach (2002), Domício Proença (2004), Theodor Adorno (2003) Gayatri Spivak (2010), Roger Chartier (1991), Walter Benjamin (1994) among others.

KEYWORDS: Memories; Silencing; Submission, Representation; Narrators.

1 Introdução

O negro teve a sua trajetória na literatura brasileira, até o final do século XIX, marcada pela negação da sua identidade, no anonimato, ou com papéis secundários e marginalizados. Domício Proença Filho (2000) afirma que literatura os retratava como sujeitos duvidosos, vivendo à margem da sociedade, assim ele classificou a literatura em duas fases: a primeira, a literatura sobre o negro, e a segunda, a literatura do negro.

Nessa perspectiva, Dalcastagné (2008) declara que, ao mapear as relações raciais na contemporaneidade, há o predomínio de personagens brancos entre os anos 1990 e 2004, os negros continuaram em funções secundárias. Os escritores, com uma abordagem acrítica e sem consciência do seu papel em reforçar o preconceito e os estereótipos, perpetuam essas representações. Uma abordagem crítica, seria uma forma de retomada histórica dos negros, estabelecendo um vínculo com a literatura. Esse movimento seria uma forma de combater a subalternidade, que segundo a crítica Gayatri Spivak (2010), é construída através de um duplo silenciamento, pois surge através da ideologia do imperialismo e do patriarcado. O sujeito subalterno é excluído socialmente da comunidade na qual está inserido.

Walter Benjamin (1987, p.221), declara que “O narrador figura entre os mestres e os sábios”, pois o narrador sabe dar conselhos para diversos casos, assim como os sábios. O narrador tem o poder de contar sua história da forma que desejar, sendo justo em suas transcrições, e as experiências estão vinculadas aos seus conhecimentos adquiridos. O dom do narrador é contar uma história de maneira única, deixando o leitor livre para interpretá-la. A referida obra expõe que o narrador contou a história sendo honesto em suas transcrições, por meio da memória revelando uma realidade silenciada.

Os postulados da antropóloga alemã Aleida Assmann (2011), afirmam que os lugares e as regiões são integrantes das histórias de vida familiar e dos vínculos sentimentais. Daí, no pertencimento à terra, um lugar sagrado e respeitado pelo sujeito: “a magia do local está associada a algo suspeito; o ser humano arcaico, o antigo colono, não é um ser que se autodetermina, mas que deixa poderes alheios influenciarem seu destino” (Assmann, 2011, p. 321).

As narradoras possuem um sentimento latente de pertencimento à terra, um lugar onde as pessoas têm suas vidas sentenciadas ao silêncio, à luta, às memórias traumáticas, mas também lembranças de conquistas e sobrevivência. A obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, aborda questões da vivência do negro. Os três capítulos são narrados por três personagens mulheres: Belonísia, Bibiana e Santa Rita Pescadeira.

Os relatos são marcados pela subalternidade e silenciamento e demonstrando a evolução das narradoras, e a busca por um pedaço de terra, bem como da luta do povo negro por respeito. Portanto, esta pesquisa objetiva analisar a memória, a representação do silenciamento e submissão presente no livro, buscando dar voz às personagens e ampliar o entendimento analítico sobre essas questões.

O PAPEL DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

No decorrer da história da literatura brasileira, os negros sempre estiveram em cena com papéis secundários. Como autores, a luta por reconhecimento, até o final

do século XIX, era severa e frustrante. As circunstâncias para que esses escritores escrevessem suas próprias experiências eram impedidas, o espaço era somente reservado para que autores brancos relatassem conforme suas perspectivas as vivências e as aflições do povo negro. O resultado foi a produção de obras sem veracidade, estereotipadas e sem o devido olhar do negro.

Domício Proença Filho (2004) no artigo *A trajetória do negro na literatura brasileira*, expõe duas perspectivas: a primeira, o negro na literatura como objeto, retratado como sujeito distante e com ações duvidosas, o negro como ser marginal, sobre o qual pouco se sabe de seus costumes. Na segunda concepção, o negro como protagonista principal da narrativa, apropriando-se da fala e do sentimento em um contexto realista, o negro sendo reconhecido como artista. Assim, distingue como categoria didática: a Literatura sobre o negro; da Literatura do negro.

A primeira perspectiva possui como característica a aparição do negro com uma visão estereotipada, apassivador das questões raciais no Brasil. Como exemplo de obras que discorrem o negro como ser maléfico e romantiza a escravidão, cita-se: *O demônio familiar*, de José de Alencar, apresenta o negro como ser infantilizado e subalterno; *As vítimas algozes*, Joaquim Manuel de Macedo, o negro coma fera, ser de outras divindades; e *O bom crioulo*, de Adolfo Caminha, relata o negro como pervertido.

Na segunda perspectiva, o negro é apresentado como protagonista, autores de obras e não mais como objeto. O reconhecimento dos negros como escritores, começou por volta dos anos 1930, e ganhando mais brilhantismo no começo da década de 1980, conforme o breve mapeamento do século XIX, feito por Domício (2004).

No final do século XX, os produtores, editoras e o público começaram a ser influenciados por movimentos que buscavam a legitimação da voz da negritude, buscando obras que se esquivassem da visão distorcida sobre a vivência e cultura dos afro-brasileiros. Nesse período, surgem escritores como Lima Barreto, Solano Trindade, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Maria da Conceição Evaristo de Brito, entre outros.

Regina Dalcastagnè (2008) afirma que, ao mapear as relações raciais na contemporaneidade, as obras publicadas entre 1990 e 2004, ainda possuem a predominância de personagens brancos como principais, enquanto os personagens negros ficam com papéis secundários e de pouco prestígio:

Ao manusear as representações sociais, o autor pode, de forma esquemática: (a) incorporar essas representações, reproduzindo-as de maneira acrítica; (b) descrevê-las, com o intuito de evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção; (c) colocar essas representações em choque diante de nossos olhos, exigindo o nosso posicionamento (Dalcastagnè, 2008, p. 106).

Os escritores, quando decidem ter uma abordagem acrítica, têm consciência da possibilidade de estarem perpetuando o preconceito ao utilizarem termos cômicos, pejorativos e de duplo sentido, com uma falsa pretensão de se aproximarem do leitor e de que esses se identifiquem com a narrativa. Em contraposição, uma abordagem crítica permite uma retomada histórica contra o silenciamento dos negros, estabelecendo um vínculo entre obra, personagem e leitor.

A literatura, por ser um espaço de criação e elo entre ficção e realidade, crítica e valorização social, torna-se uma importante ferramenta na construção do poder e do pensamento crítico. A maneira como as relações raciais são abordadas na narrativa permite o fortalecimento ou apaziguamento do silenciamento, vivência, cultura e a subalternização do negro.

Para Gramsci (2017), o termo subalterno é designado às camadas mais baixas da sociedade, as quais excluem o sujeito do mercado de trabalho e não lhes concedem direito à representação política. O sujeito subalterno é excluído socialmente da comunidade da qual faz parte, não possui direito e nem voz, servindo apenas como fantoche. A crítica reforça a importância de dar voz a esse sujeito descriminalizado e reconhecer as consequências desastrosas da permissão de que pessoas intermediárias tentem relatar as experiências desses sujeitos; assim ocorre a anulação da voz do sujeito subalternizado, que é transformado em objeto pelo sujeito detentor do poder.

REMEMORAÇÃO DA SUBMISSÃO

A obra relata a história de uma família descendente de escravos, que reside na comunidade Água Negra, sediada em uma fazenda na Chapada Diamantina -BA. A região é conhecida pela forte exploração de minérios e pela grande presença de lavouras. Nesse contexto, o enredo do livro de Itamar, retrata a exploração e a submissão dos núcleos familiares que almejam, um dia, ter seu pedaço de terra e, por consequência, a sua liberdade de fato.

Como mencionado anteriormente, o livro é narrado por três mulheres negras: as irmãs Bibiana e Belonísia, e Santa Rita Pescadeira. Os dois primeiros capítulos: *Fio de corte* e *Torto Arado* são narrados pelas irmãs, e o terceiro relatado pela Santa Rita. Belonísia e Bibiana são filhas do Zeca Chapéu Grande, líder religioso e da comunidade, e de Salustiana Nicolau.

Walter Benjamin (1994) especifica que a narrativa é construída a partir da vida do sujeito que narra, deixando marcas que representam suas experiências, os sentidos e os significados sobre os fatos e as ações, e essas narrativas são transmitidas de geração em geração, preservando a memória coletiva e a identidade cultural:

[...] não está interessada em transmitir o puro em si da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (Benjamin, 1994, p. 204).

Infere-se que o espaço da memória se torna um elemento principal para o desenvolvimento da narrativa, visto que traz para o presente a seleção de informações e das lembranças que podem ou não ser relatadas. Assim sendo, a narrativa pode ser constituída também por um recorte do fato. Conforme declara Santos (2003, p. 93) “[...] o que recordamos não é exatamente o que aconteceu, uma vez que, ao mesmo tempo em que construímos o passado, ele também nos constrói”. Os narradores concebem os enredos baseando-se no lugar de fala em que se situam, delimitando a relação que detêm com o fato no presente, constituindo a narrativa sobre o passado.

Walter Benjamin (1994), por seu lado, pondera sobre a demarcação espacial e territorial no processo de construção da narrativa. Segundo ele, os sujeitos não apenas elaboram um lugar protegido para realizar a rememoração, mas também integram a experiência que têm com o fato narrado, pois este deixa sua marca. Eles “[...] gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica” (1994, p. 204).

Como exemplo, a personagem Bibiana, sendo a mais velha, apaixona-se por seu primo Severo. E por conta desse acontecimento, suas concepções foram ampliadas. O romance traz como consequência possibilidades e pensamentos além da comunidade Água Negra. O casamento entre os primos acontece e permite que Bibiana mude de comunidade, estude, torne-se professora, e posteriormente retorne ainda casada, à sua primeira moradia a fim de compartilhar seus novos conhecimentos com seu grupo. A partir do olhar dessa moça, que se transforma em mulher, Itamar descreve sua trajetória da infância até a vida adulta.

Em contrapartida, Belonísia não almeja desbravar novos mundos e ampliar seu conhecimento. A moça enraíza toda a sua história, futuro e concepções na terra, sentindo que pertence àquele lugar; a partir desse pertencimento à terra, ela compreende o mundo e se autoconhece.

Belonísia tem sua história marcada desde a infância, quando, junto com sua irmã, investiga e descobre uma faca de sua avó paterna. Nesse contexto, ocorre um acidente durante o manuseio da faca, que acaba arrancando parte de sua língua, fazendo com que ela perca a fala. A protagonista tem seu silenciamento materializado, porém encontra novas formas de se impor e expressar sua indignação diante das condições de exploração. Através da bravura dessa mulher que a obra relata os acontecimentos referente a juventude até vida adulta das protagonistas.

Santa Rita Pescadeira narra o terceiro capítulo, dando voz à divindade religiosa do Jarê. A Santa permeia o passado e presente, observando as injustiças cometidas contra os negros e seus descendentes. Através dessa voz, que testemunhou todo o sofrimento de seu povo, a história é recontada e finalizada.

Erich Auerbach (1976) salienta que os pensamentos se articulam a partir dos elementos causais e das atividades externas, ações que atingem mudanças e deslocamentos internos, proporcionando variações de deslocamentos temporais, como descrito no seguinte trecho:

O que é essencial é que um acontecimento exterior insignificante libera ideias e cadeias de ideias, que abandonam o seu presente para se movimentarem livremente nas suas profundidades temporais. É como se um texto aparentemente simples manifestasse o seu verdadeiro conteúdo só no seu comentário, ou como se um tema musical simples o fizesse apenas na sua interpretação. Com isso, fica também nítida a estreita relação entre o tratamento do tempo e a “representação da consciência pluripessoal” (Auerbach, 1946, p. 485).

Compreende-se que os acontecimentos relatados manifestam situações que retratam uma realidade complexa. O tempo em sua cronologia de fatos, demonstra as modificações das ações e suas consequências. Como pode ser observado nas sequências de acontecimentos descritos pelos narradores, os fatos desde o início da história seguem uma cronologia, e as personagens principais relatam com detalhes as situações de maior relevância.

Por meio desse protagonismo das mulheres negras, retomamos Spivak (2010) e Dalcastagnè (2008) com a discussão sobre a mulher negra como protagonista ou narradora, algumas vezes exercendo as duas funções em conjunto. Tendo como base a seguinte afirmação de Spivak (2010, p.85) “a questão da mulher parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” entende-se que existe o predomínio do silenciamento da mulher enquanto negra, pobre e pouco escolarizada. Fica evidente a retratação dessa temática de subalternidade em relação à classe dominante e o silenciamento feminino em *Torto Arado*.

Através dessas três mulheres, demonstram-se ações que permitem observar e identificar o progresso e a consciência da temática de subalternidade exposto no livro. Em primeira circunstância, a subalternidade aparece em ambientes de submissão, revelando de maneira intuitiva e pouco pronunciada as ações e contexto de exploração. No segundo momento, os relatos das protagonistas, revelam um processo

de evolução e transformação. Através do embate de opinião entre gerações, das ações e conversas entre personagens mais novos e personagens de idades avançadas, manifestam-se as diferenças entre tradição e renovação.

VOZES SILENCIADAS

83

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade (Chartier, 1991, p. 183).

A memória constrói a identidade do indivíduo, armazenando informações e experiência. Conforme o trecho acima de Chartier (1991), é através do conflito dessas duas vias que melhor podemos representar o mundo e, conseqüentemente, um sujeito. Partindo desse princípio, este artigo se debruça sobre o livro, analisando as memórias da submissão e o violento silêncio, retratando de certa maneira um grupo social à margem. Esse grupo representa a história de mulheres escravizadas que lutaram pela terra e melhoria de vida.

Maurice Halbwachs (1990) destaca que quanto mais a memória for compartilhada, mais ela se conserva. No trecho a seguir, é nítida a necessidade da transmissão das lembranças: “Sem essa mobilização da memória que é a transmissão, já não há nem socialização, nem educação, e, ao mesmo tempo, se admitimos, como diz E. Leach, que a cultura é uma tradição transmissível de comportamentos apreendidos, toda identidade cultural se torna impossível” (Candau, 2014, p. 105). É importante compreender que a difusão da memória é extremamente importante, mesmo não sendo propagada de forma “pura”:

No entanto, essa transmissão jamais será pura ou uma autêntica transfusão memorial, ela não é assimilada como um legado de significados nem como a conservação de uma herança, pois, para ser útil às estratégias identitárias, ela deve atuar no complexo jogo da reprodução e da invenção, da restituição e da reconstrução, da fidelidade e da traição, da lembrança e do esquecimento. A transmissão está, por consequência, no centro de qualquer

abordagem antropológica da memória. Sem ela, a que poderia então servir a memória? (Candau, 2014, p.106).

Ressalta-se, diante disso, o questionamento de Candau (2014, p. 106), “se memorizar serve para transmitir, é o conteúdo transmitido ou o laço social que gera a transmissão?”, lembrando que os laços são constituídos pelos grupos referenciais, como famílias, colegas, dentre outros. A observação de Halbwachs (1990, p. 133) explicita que, “quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem. Ele se fecha no quadro que constituiu”. Assim, os lugares, os ambientes, os moradores, os costumes e as linguagens influenciam as lembranças

A região de Água Negra possui uma forte concentração hídrica, o que contribui para a abundância nas lavouras e plantio para o suprimento familiar. A comunidade é fundada no sonho de melhorar de vida e posse de terra para cada trabalhador, fatores que atraem trabalhadores descendentes de escravos que abandonaram as minas de mineração e fazendas onde trabalhavam em condições desfavoráveis.

Os empregados, ao chegarem à fazenda, recebem permissão para morar, cultivar alimentos para uso familiar e construir casas de barro. Como pagamento por essa “liberação” de moradia e pedaço de terra, todos os moradores precisam trabalhar na fazenda, os homens com serviços braçais e diretamente com a lavoura do patrão e as mulheres com trabalhos na casa grande. Além disso, são obrigados a ceder parte de suas produções agrícolas para a casa do fazendeiro.

Não existe contrato e tudo é acertado de forma informal, sem garantias para os funcionários e suas famílias. O dono da propriedade, sempre deixa claro que não existe possibilidade de salário e muitos menos do sonhado pedaço de terra. Esse sistema de trabalho expõe claramente a exploração, identificada logo no início da narrativa e a relação assimétrica de poder, sujeitos que ordenam e sujeitos que são obrigados a obedecerem.

Zeca Chapéu Grande foi um dos primeiros trabalhadores a residir na comunidade Água Negra, tornando representante de seu povo. Chegou ainda jovem à fazenda, constituiu família e exerceu seu papel de líder e autoridade no culto do Jarê. Sua filha Bibiana o menciona como:

Respeitado pelos vizinhos e filhos de santo, por seus patrões e senhores, e por Sutério, o gerente. Era o trabalhador citado como exemplo para os demais, nunca se queixava, independente da demanda que lhe chegava. [...] Era o trabalhador da mais alta estima da família Peixoto. Confiavam na sua capacidade de persuadir e de reconciliar os que viviam em conflito, por cerca ou por animal solto que acabava em suas roças provocando prejuízo (Vieira Junior, 2019, p. 53-54).

No trecho acima, é possível observar que Zeca chapéu grande, foi considerado um funcionário exemplar pela família Peixoto, dona das terras. Fica claro que essa estima existia porque o trabalhador aceitava tudo que era imposto por seus patrões, cumpria as ordens sem questionamentos. Além disso, evitava possíveis conflitos entre funcionários e empregador, pois eram muitas as reclamações e pedidos de sua comunidade para com a família Peixoto, na qual ficavam retidas por seu intermédio. O ancião era visto como modelo de trabalhador a ser seguido, mesmo que ele não tivesse plena compreensão de seu real papel e importância.

Como interventor e conciliador, desestimulava possíveis mudanças, visto que acalmava os ânimos dos funcionários e das famílias que desejavam melhorias. Com os anos, isso acabou gerando um sentimento de revolta nas pessoas. Qual seria o motivo desse silenciamento por parte do grande líder? Possivelmente, o receio de ser expulso da terra que enraizou sua alma, a falta de informações, e impossibilidade de mudanças concretas.

A configuração de exploração, a que os personagens estão expostos, encontra-se registrado na história do país, tendo origem na pós-abolição, com o decreto da Lei Áurea, e que se estende até os tempos atuais em diferentes configurações. O Estado não proporcionou possibilidades de estudos, novos empregos e maneiras de integrar o sistema como a nova população. Em teoria, tudo foi dito e teorizado, porém na prática não houve ações para que os ideais fossem concretizadas. Os ex-escravizados e seus descendentes foram novamente obrigados a aceitarem serviços pesados, que ninguém da população branca queria trabalhar, ser submissos, ou seja vivendo em condições análogas à escravidão.

O aprisionamento desses em fazendas, nos períodos posteriores à garantia de liberdade, continuava sendo um regime de escravidão. Apenas mudou a

nomenclatura, pois os negros, para sobreviverem aceitavam quaisquer condições impostas pelos donos das fazendas. A problemática do aprisionamento à terra possui raízes na forma como o processo de abolição foi constituído. Para o abolicionista André Rebouças (2006), o direito a um pedaço de terra era fundamental para que os ex-escravizados alcançassem a integração com a sociedade e o sentimento de pertencimento.

A sociedade, dita como heterogênea, não apresenta somente uma visão sobre os fatos. Sob a perspectiva dos fazendeiros, existia a resistência de perder trabalhadores que exercem as mais diversas funções sem pagamentos de salários. Além disso, a ideia de ceder vastos hectares de terra para posse dos ex-escravizados era vista por eles e suas famílias como imensa injustiça. Esses fatos escancaram a hipocrisia e o pensamento opressor existente no período pós-abolição. Souza (2007, p. 3) assinala que “[...] quando se tem acesso a fontes orais, fica claro que o narrador busca representar-se como um ser coerente no tempo e no espaço. A narrativa é a representação da vida e do mundo no qual o sujeito está inserido”. Assim, a memória estabelece um dos pilares da narrativa, constitui-se uma fonte de informações históricas e de espaço para formulação da subjetividade.

Segundo os postulados de Aleida Assman (2011, p.317), o conceito de “memória dos lugares” compreende que a memória relembra os lugares marcantes na trajetória do indivíduo, “memória que está por si só situada nos lugares”. Dessa maneira, as lembranças assumem autoridade de rememoração para narrar e descrever as situações vivenciadas. Os locais superam as vivências dos sujeitos, pois, em cada relato, são suscetíveis às novas informações autênticas ou imaginárias.

Não sendo capazes de impedir a abolição, os grandes senhores, empresários e a elite social, elaboraram novas abordagens para que continuassem tendo mão de obra gratuita, produtividade constante, seus lares organizados e a calma encenada:

Com a concessão de alforrias coletivas, os senhores buscavam preservar algum domínio sobre os ex-escravos. Eles esperavam que, presos pela dívida de gratidão, os libertos permanecessem nas propriedades. [...] No município de Cachoeiro do Itapemirim, província do Espírito Santo, a partir de março de 1888, os senhores passaram a encurtar o prazo das alforrias condicionais, assim como fazer algumas

concessões para que os escravos permanecessem em suas fazendas (Albuquerque; Fraga Filho, 2006, p. 193).

Nesse fragmento, observamos que os relatos históricos demonstram as táticas que os “senhores” utilizavam para manter seus servos e continuarem usufruindo dos benefícios que suas obrigações permitiam. Justamente por essas concepções, expostas anteriormente, que permeiam por vários séculos e marcam a vida das personagens de *Torto Arado*, que o presente artigo realiza a retomada de informações históricas. As considerações explicitadas até o momento contribuem no direcionamento dos debates a seguir.

Segundo Adorno (1985), a mimesis ameaça o processo de civilização, que pode regredir os sujeitos e os comportamentos míticos, amedrontando o processo de construção e elaboração das formas, regras, processo de formação, consequentemente influenciando no processo racional científico, logo:

O medo de perder o eu e o de suprimir com o eu o limite entre si mesmo e a outra vida, o terror da morte e da destruição, está irmanado a uma promessa de felicidade, que ameaça a cada instante a civilização. O caminho da civilização era o da obediência e do trabalho, sobre o qual a satisfação não brilha senão como mera aparência, como beleza destituída do seu poder (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 44-5).

Adorno insiste no preço que o herói paga para esquivar-se do vínculo e da integração mágica, concebendo-se como um sujeito independente. O “valor desembolsado” pode ser compreendido como as modificações provenientes da mimesis, sendo prazerosa e sombria ao mesmo tempo. Uma mimesis impiedosa que reproduz a insensibilidade e frieza do sujeito, bem como as dificuldades do processo de adequação e moldagem no mundo real. Fatores esses que são retratados pelas três narradoras, como descritos nos próximos trechos.

A consciência incipiente aparece nos momentos de revoltas, ainda que não se manifeste em ações, das pessoas exploradas. Bibiana e Belonísia escutam a conversa das filhas de Carmeniúza e Tonha sobre como os patrões tinham a concepção de obter para eles o direito na produção das famílias que residiam em Água Negra:

Queriam saber se eles haviam chegado por aqui, se tinham levado as batatas do nosso quintal também. “Mas as batatas do nosso quintal não são deles”, alguém dizia, “eles plantam arroz e cana. Levam batatas, levam feijão e abóbora. Até folhas pra chá levam. E se as batatas colhidas estiverem pequenas fazem a gente cavoucar a terra para levar as maiores” – disse Santa, arregalando os olhos para mostrar sua revolta. [...] Nós é que não conseguíamos comprar nada, a não ser quando vendíamos a massa do buriti e o azeite de dendê, escapulindo dos limites da fazenda sem chamar a atenção. “Mas a terra é deles” (Vieira Junior, 2019, p. 45).

Nesse trecho, observamos as percepções das narradoras sobre a situação que as cercam, considerando injusto o modo como os moradores e funcionários estavam submetidos. Os padrões obrigavam seus funcionários a entregarem certa porcentagem de suas próprias produções agrícolas, sob ameaça de forte repreensão. O fato dessa obediência às regras para garantir a permanência forçava o silenciamento; o único funcionário que cumpria as ordens sem reclamar, era Zeca, funcionário considerado como exemplar.

A consciência de mundo e opinião começa a ser inserida no capítulo intitulado “Fio de corte”, que relata o amadurecimento das irmãs, que consecutivamente serão também expostas por Santa Rita Pescadeira. E reflete sobre as características e afinidade com a terra de Belonísia; compreendendo e explicando a vida a partir do seu vínculo com a natureza. Durante seus relatos, torna-se possível observar indícios de uma consciência em processo de amadurecimento, ao recontar lembranças sem a inocência da infância e juventude. Belonísia compreende que a irreversibilidade de sua mudez, não é somente pelo acidente, mas também pela falta de tratamento, como relatado no trecho a seguir:

Me lembro de ter ouvido os médicos falarem que teria dificuldade para falar e me alimentar. Que teria que voltar sempre à cidade para ser acompanhada, fazer exercícios de fala. Mas não seria possível, não havia como deixar Água Negra, morávamos distante, não haveria maneira de nos deslocarmos por tantas léguas com tanta frequência. No hospital da cidade mais próxima não havia médico que soubesse fazer o tratamento. Por isso me calei (Vieira Junior, 2019, p. 126-127).

A perda da voz da narradora-protagonista surge na obra como a materialização do silenciamento. A falta de poder nas falas dos personagens, o motivo pela qual não manifestam suas opiniões, o medo estão interligados à mudez da narradora. O silêncio do povo negro, imposto durante séculos de subalternidade e exploração, está representado na condição de Belonísia. E é através da voz narrativa que a personagem descreve suas experiências e impressões do mundo que vivencia, encontrando novas formas para se expressar:

Era um tipo de tortura que me impunha de forma consciente [...]. Como se o arado velho e retorcido percorresse minhas entranhas lacerando minha carne. Se esvaía toda a coragem de que tentei me investir para viver naquela terra hostil de sol perene e chuva eventual, de maus tratos, onde gente morria sem assistência.[...] Mas eu persistia e repetia as palavras mais duras, as que não gostamos de ouvir, para mim mesma. [...] [As palavras] eram gritadas por minhas ancestrais, por Donana, por minha mãe, pelas avós que não conheci, e que chegavam a mim para que as repetisse com o horror de meus sons, e assim ganhassem os contornos tristes e inesquecíveis que me manteriam viva (Vieira Junior, 2019, p. 127-128).

Verificamos no trecho acima que no interior da personagem surge uma voz cortante como o arado. Mesmo que a voz ferisse, Belonísia acreditava que, caso fosse necessário, repetiria as palavras duras, independente do sentimento que pudesse causar. Sua voz estava carregada de rancor, dor, e incredulidade, que não pode ser gritada por seus antecessores.

A narradora ficou conhecida por sua coragem, sem ter interesse em “histórias fantasiosas e enfadonhas sobre os heróis bandeirantes, depois os militares, as heranças dos portugueses e outros assuntos” (Vieira Junior, 2019, p. 197). Relatando a sua própria vivência e de seu povo, lamenta por não ter compreendido a importância da memória e da história, pois teria se dedicado mais em suas denúncias, como expressa no fragmento a seguir:

Se soubesse que tudo que se passa em meus pensamentos, essa procissão de lembranças enquanto meu cabelo vai se tornando branco, serviria de coisa valiosa para quem quer que fosse, teria me empenhado em escrever da melhor forma que pudesse. Teria deixado a curiosidade que tive ao ver a faca com cabo de marfim se

transformar na curiosidade pelo que poderia me tornar, porque de minha boca poderiam sair muitas histórias (Vieira Junior, 2019, p. 170).

Observamos que a Belonísia reconhece e entende o poder de assumir a autoria de sua própria narrativa. Ela compreende que a forma escolhida para ser descrita determina e influencia a percepção dos sujeitos que ocupam a posição de subalternidade. A capacidade de compreender essas situações demonstra a importância dos sujeitos conhecerem e escolherem suas narrativas. A presente narradora, assim como os demais personagens, apresenta momentos em que adquirem autonomia em suas jornadas e consciência.

Bibiana e seu marido ao retornem para a comunidade Água Negra, depois de um período na vivendo na cidade. Durante o tempo que estiveram fora, o acesso à educação formal, proporcionou que a narradora se torna professora e que Severo participasse das reuniões do sindicato. O casal ao retornarem para a fazenda, trouxe na bagagem a ampliação do conhecimento. Belonísia tinha prazer em escutar os relatos de seu cunhado:

Escutar cada vez mais as histórias que traziam de suas passagens por outros lugares. **Queria ouvir de Severo** as explicações para o que vivíamos em Água Negra. Eram **histórias que se comunicavam com meus rancores, com a voz deformada que me afligia e por vezes me despedaçava, com todo o sofrimento que nos unia nos lugares** mais distantes (Vieira Junior, 2019, p. 132-133, grifo nosso).

Ressaltamos que Bibiana e Severo ao experimentarem uma nova realidade, puderam desmistificar a normalização da exploração a que os sujeitos daquela comunidade estavam sistematizados. Antes, a comunidade compartilhava a subalternidade, mas após a chegada do casal, puderam se reconhecer nas palavras e expressões as raízes profundas de negação e violência que marcaram suas vivências:

O medo atravessou o tempo e fez parte de nossa história desde sempre. Era o medo de quem foi arrancado do seu chão. Medo de não resistir à travessia por mar e terra. Medo dos castigos, dos trabalhos,

do sol escaldante, dos espíritos daquela gente. Medo de andar, medo de desagradar, medo de existir. [...] Foi a nossa valência poder se adaptar, poder construir essa irmandade, mesmo sendo alvos da vigilância dos que queriam nos enfraquecer. Por isso espalhavam o medo. Eu fui apanhando cada palavra da fala de Severo, das muitas vezes que o vi contar, para guardar em meu pensamento (Vieira Junior, 2019, p. 178-179).

Nesse trecho, analisamos que a consciência da trajetória dos negros torna-se reconhecida por Belonísia, e durante suas falas, ela percebe a resistência de seu povo. O elemento medo, como reação à opressão que sofrem é ao mesmo tempo sequela e impulsionador para reconhecer a violência e agir sobre ela, a modificando. O interesse em saber mais sobre a história de seu povo é uma ferramenta de mudança.

Belonísia declara que chegou a perguntar para o pai sobre quem de fato eram os donos daquelas terras e obteve como devolutiva o argumento de que ele não se reconhecia e nem se considerava o dono daquelas terras. A narradora expõe a inconformidade de Zeca diante da situação exposta, na qual se elucida o embate de ideias entre a tradição e a renovação:

Não podemos mais viver assim. Temos direito à terra. “Somos quilombolas.” Era um desejo de liberdade que crescia e ocupava quase tudo o que fazíamos. Com o passar dos anos esse desejo começou a colocar em oposição pais e filhos numa mesma casa. [...] Zezé queria dizer ao nosso pai que não nos interessava apenas a morada. Que não havia ingratidão. Queremos cuidar da terra onde nascemos, da terra que cresceu com o trabalho de nossas famílias”, completou Severo, numa roda de prosa debaixo da jaqueira na beira da estrada (Vieira Junior, 2019, p. 187).

A narradora ao esclarecer o sentimento de posse da terra, que deixa de ser somente uma questão legal, absorve a conotação social e cultural com a terra, unindo terra e povo, corpo e arado, expondo sua alma, assim como se expõe o subsolo ao sol. Esse pensamento é familiar à nova geração; entretanto, por respeito aos mais velhos, evitam discussões. Com a morte de Zeca, encerra-se um período das tradições, que dará lugar a novos movimentos. A percepção relatada por Belonísia é que:

A parede de terra, do barro que era o chão de Água Negra, voltou a ser terra de novo. [...] Fiquei atenta a tudo o que acontecia, sabia que nada retornaria. Olhei com certo encantamento o tempo caminhando, indomável como um cavalo bravio (Vieira Junior, 2019, p. 195).

Observa-se que, com o fim do tradicionalismo defendido por Zeca, a nova geração consegue a licença para pôr em prática as mudanças que almejavam. A partir desse momento, Severo assumiu a liderança da comunidade, iniciando um movimento de conscientização se efetivou. Bibiana recolheu assinaturas para a abertura da associação de trabalhadores e moradores, e as reuniões eram feitas às escondidas, para evitar a repreensão dos donos da fazenda.

Porém, no final da obra, ocorre uma tentativa de silenciar as mudanças, com o assassinato de Severo. O crime causou revolta na comunidade, iniciando o novo capítulo “Rio de sangue” narrado pela Santa Rita Pescadeira. A personagem surge como a incorporação das vozes dos ancestrais, que retomando e recuperando a história de exploração a que o povo foi submetido.

Nesse viés, percebe-se que as narrativas orais são construídas pela interpretação da realidade dos seus sujeitos, como falas que perpassam os elementos que compõem os enredos e que indicam suas experiências sociais, culturais, o imediato do que é vivido. Marta Oliveira (1993, p. 27) declara que “[...] é a cultura que fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade e, por meio deles, o universo de significações que permite construir uma ordenação, uma interpretação, dos dados do mundo real”, as narrativas se estabelecem como um processo vivo de produção da memória.

Flávia Alcântara (2014, p. 9) complementa que as narrativas “[...] fazem parte da própria natureza humana, são ferramentas culturais que podem produzir uma memória coletiva”, portanto, as narrativas orais são relatos de memórias. O medo constitui o presente como um dos elementos para a preservação da memória e das histórias. O sentido do medo é compreendido como um estado emocional que necessita de uma resposta do inconsciente diante de uma situação em perigo. A imaginação de que algo pode ameaçar a segurança ou a vida do sujeito, provoca

reações naturais, como a fuga ou o confronto. A morte de Severo desencadeou diversas lembranças na narradora, acontecimentos marcantes, cruéis e injustos:

Fui tomada por uma profunda tristeza ao ver aquelas duas vidas [de Bibiana e de Severo], desamparadas diante do que lhes haviam feito. Vi tanta crueldade ao longo do tempo, e mesmo calejada me comovo ao ver os homens derramando sangue para destruir sonhos. Vi senhores enforcarem seus escravos como castigo. Cortarem suas mãos no garimpo por roubarem um diamante. Mulheres que retiravam seus filhos ainda no ventre para que não nascessem escravos. Mulheres que enlouqueceram porque as separaram dos filhos que seriam vendidos. Vi um senhor cruel deitar com mulheres negras e abandonar seus corpos castigados à morte, como se quisesse expurgar o mal que o fazia cair. Vi homens e mulheres venderem seus pedaços de terra por uma saca de feijão ou uma arroba de carne, porque não suportavam mais a fome da seca (Vieira Junior, 2019, p. 206-207).

O discurso nesse fragmento é marcado pela dor, característico do discurso memorialístico. Bibiana, muito machucada sentimentalmente, convoca toda a comunidade para conscientizá-la das condições cativas que persiste a vivência do povo negro:

A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho (Vieira Junior, 2019, p. 220).

Bibiana conscientiza sobre a falsa liberdade e, assim, recupera e recorda os ensinamentos de Severo, a necessidade de lutar pela consolidação dos direitos. A luta pelo direito de seu povo é apontada por Santa Rita Pescadeira como causa da morte de Severo:

Severo morreu porque pelejava pela terra de seu povo. Lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa. Queria apenas que reconhecessem o direito das famílias que estavam há muito tempo naquele lugar [...] (Vieira Junior, 2019, p. 207).

Compreende-se que a morte Severo se torna simbólica nas relações de domínio, pois a morte visa matar a ideia e luta do indivíduo, e não apenas a sua vida.

A tentativa de silenciamento ocorre de forma menos violenta no discurso de Bibiana diante de Salomão, dono da fazenda.

Para Ricoeur (2007, p. 44), a memória é uma representação presente de acontecimentos do passado, em outras palavras, é “[a] obsessão de uma memória proibida”. A memória não significa somente a história em si, mas uma realização do passado que está inserida na reconstrução dos fatos históricos por meio das ressignificações do sujeito que a constitui, dessa maneira, “[...] as memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade” (Burke, 2000, p. 73).

A memória, como acentuam Ricoeur (2007) e Burke (2000), é composta pelos grupos referenciais e pelas situações compartilhadas com os vínculos sociais, nas quais o tempo marca as lembranças. As três narradoras manifestam a dura realidade vivenciada por elas e, por meio dos relatos, exprimem o real. A narradora não tem medo das intimidações do padrão, reafirmando sua luta:

Mas não vamos desistir. Essa semente que Severo plantou por nossa liberdade e por nossos direitos não irá morrer. Foi um que se foi. Meu companheiro e pai de meus filhos. Mas somos muitos ainda nesta fazenda. Foi embora um fruto, mas a árvore ficou. E suas raízes são muito fundas para tentarem arrancar (Vieira Junior, 2019, p. 221).

Desse modo, observamos representado no livro a postura de enfrentamento que se opõe à submissão vivenciado por gerações, sendo enfrentada somente pela narradora principal e sua respectiva geração. A tentativa do silenciamento, sustentada pelo sistema de exploração e poder, não obteve sucesso na narrativa, pois retroceder não era opção para as personagens.

Erich Auerbach (1976) salienta que o narrador observa seus personagens com flexibilidade e questionamentos, de maneira incerta, como se as personas vivessem de maneira autônoma. E o posicionamento do escritor diante da realidade do mundo não retrata somente na obra, mas reproduz o real no cotidiano e na história de diversos sujeitos.

Auerbach (1976, p.488) afirma ainda que a “intenção de realidade autêntica e objetiva mediante muitas impressões subjetivas” e que — “é essencial para o processo

moderno que estamos considerando”. Logo, considera-se realidade a fala, olhar e concepção de um único sujeito, pelo aspecto do histórico literário, a representação pluripessoal é descendente da unipessoal.

O discurso de Bibiana encoraja e estimula ações de outros funcionários, que passam a construir suas casas de alvenaria e abandonam a tradição de subalternidade a sujeitos que detinham o poder. No processo de reintegração de posse, solicitada pelo dono da fazenda, os trabalhadores e seus familiares são ouvidos pelos funcionários dos órgãos públicos. Não há um desfecho declarado no livro, ficando a situação em aberto. O fato de a comunidade ter sido ouvida por representantes dos órgãos públicos torna-se uma vitória para o povo que foi silenciado por vários anos.

CONCLUSÃO

Durante muitos anos, o negro na literatura teve um papel secundário e marginalizado, reforçando uma visão estereotipada da vivência social e cultural. Esse enredo começou a ser alterado no último século, com uma intensificação da produção literária comprometida em representar o povo negro e dar voz as suas histórias.

O livro *Torto Arado* desponta as relações raciais de forma clara e realista, sem negar às representações. O negro aparece no livro com uma posição de prestígio, com três mulheres negras atuando como narradoras e participando ativamente de todo o relato. Itamar Junior descreve a luta dos afro-brasileiros e descendentes, retomando a história da escravidão com as consequências tais como a subalternidade e silenciamento de forma sábia e corajosa.

Através das ações dos personagens, observamos as mudanças de atitude e consciência associadas ao silêncio, exploração e submissão. As ações e cenas descritas evidenciam a predominância desses comportamentos, entretanto a narrativa também expõe a tomada de consciência que conduz as modificações, com o acréscimo que o negro sendo o agente dessa transformação, e não sendo como a dita história “oficial” que ela foi sujeito passivo em sua própria condição.

Ao representar a busca pela conquista, direito, e voz, negados por muitos anos ao povo negro o livro não intenta resolver ou abarcar todos as marcas do processo de escravização e da estruturação do racismo. Entretanto, a narrativa revela a necessidade de criar mecanismos que possibilitem as transformações no meio em que estão inseridos e principalmente a criação de narrativas que resgatem a voz e o protagonismo negro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALCÂNTARA, Flavia Graciela de. Narrativas orais e memória coletiva: uma proposta para pensar a formação de conceitos. **Igualitária – Revista do Curso de História da Estácio-BH**, n. 3, 2014.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. Tradução de George Bernard Sperber. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976 (Coleção Estudos – Crítica, 2).

ASSMAN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: EDUEM, 2007.

BURKE, Peter. História como memória social. In: BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173- 191, 1991.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea, Brasília**, v. 31, p. 87-110, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9620>. Acesso em: 20 ago. 2020.

GRAMSCI, Antonio Gramsci e a subjetividade política das mulheres. In: DEL ROIO, Marcos (org.). **Gramsci: periferia e subalternidade**. São Paulo: Edusp, 2017.

FERNANDES, Maria Esther. A "História de Vida" como instrumento de captação da memorialistas através do uso da teoria da consciência histórica. In: **Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH – Associação Nacional de História**, 26, São Paulo: USP, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky e o Processo de Formação de Conceitos**. São Paulo: USP, 1993.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados** – Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, jan./abr. 2004.

RICOEUR, Paul. Explicação/Compreensão. E a representação historiadora. In: SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SOUZA, Carla Monteiro de. Memória e Oralidade: entre o individual e o social. **Textos e Debates**, n. 12, 2007.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Tradução de Sandra Regina Goulart. Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.



<https://www.faccrei.edu.br/revista>

Recebido em: 03/09/2024.

Aprovado em: 17/12/2024.